

A CRÔNICA COMO GÊNERO QUE INTRODUZIU O ESPORTE NO BRASIL

Dr. RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA

Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: ricoluce@hotmail.com

RESUMO

O texto trata da importância da crônica como gênero que se dedicou a narrar as primeiras ações esportivas no Brasil. Primeiro, procuramos discutir o que caracterizava a crônica como gênero que se preocupou em narrar as coisas simples do cotidiano das nossas cidades e, depois, com base em crônicas de José de Alencar, Olavo Bilac, Lima Barreto e Rubem Braga, tentamos mostrar como esses escritos nos permitem enxergar as primeiras preocupações com o esporte no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica, esporte; educação física.

INTRODUÇÃO

A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as laranjas [...] os palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a crítica literária ou o jornalismo político (Rego apud Coutinho, 1995, p. 39).

Não parece ser tarefa fácil definir com precisão o primeiro instante em que se começa a falar do esporte entre nós. Não sei bem em que ano perdido do século XIX o termo esporte foi usado pela primeira vez. Mas é certo que não foi nos primeiros cursos de medicina do Rio de Janeiro ou de Salvador, nos quais eram discutidas ações higiênicas necessárias à constante ameaça de epidemias. Também não foi em nenhum discurso político, nas quais alguns deputados se abalavam na defesa da ginástica ou dos exercícios militares como ações necessárias para a formação do “homem brasileiro”. Parece-me que também não encontraremos tal resposta no exame do meio militar, no qual os métodos ginásticos também mereceram tanto prestígio com a vinda de instrutores ora da Alemanha, ora da França. Tudo indica, porém, que é no meio jornalístico e literário que o termo *sport* vai merecer uma atenção e uso maior, e já num sentido que denota um tipo de divertimento específico.

Repare o leitor que me reporto ao “meio jornalístico e literário”, e não a um ou a outro separadamente. Isso porque tudo me leva a crer que, como foi anunciado no título deste trabalho, é na crônica de jornais que essa forma de divertimento vai merecer um primeiro registro e chamar a atenção. Em 1854, ninguém menos que o atento escritor José de Alencar alertava para as primeiras corridas no Jockey Clube e mostrava o grande interesse que esse “divertimento”¹ despertava entre o público fluminense. Mais adiante, é desse processo que vou tratar, da crônica e de seu vínculo com as ações esportivas.

Em seu famoso parecer de 1882, para a reforma do ensino primário e normal do município da Corte, Rui Barbosa já dedicava um bom espaço para justificar a adoção de métodos ginásticos entre nós e, em particular, a adoção da ginástica sueca. Falava sempre dos métodos ginásticos argumentando que, inclusive na Inglaterra, M. Arnold “[...] inspetor real da instrução pública em Londres, insiste na importância essencial da ginástica, reclamando para ela mais consideração do que

1. Uso aqui o termo divertimento para salientar que as primeiras ações esportivas tiveram mesmo um caráter de divertimento para as nossas elites que, com isso, buscavam diferenciar-se. Nesse período, o que vai marcar fortemente essa ação voltada para a prática esportiva são os aspectos tempo, espaço e atitude (regras).

já tem naquele país” (Brasil, 1883, p. 126). Também na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, algumas teses versavam sobre a atividade física, higiene e ginástica (*Da educação física, intelectual e moral da mocidade do Rio de Janeiro e de sua influência sobre a saúde* é o título de uma delas, defendida por Armonde na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1874)², mas pouco se falava das ações nos esportes.

No meio educacional, no final do século XIX, era pouca ou nenhuma a atenção “oficial” para as ações nesse campo. Falava-se na ginástica, nos exercícios militares e na esgrima – uma extensão desses – como atividades possíveis de serem desenvolvidas pelos nossos jovens.

Nos textos legais, o termo desporto ou esporte só vai ser mencionado no edifício legislativo criado para dar sustentação ao Estado Novo, e com maior visibilidade com a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, no Rio de Janeiro, pelo decreto-lei n. 1.212, de abril de 1939.

Por esses aspectos, parece-me lícito apontar que é entre os cronistas de jornais do final do século XIX e início do século XX que essa prática vem merecer a maior atenção e gozar de certo prestígio. Mas por que isso se processa dessa forma? Por que não entre os políticos, médicos e educadores essas ações, já tão conhecidas no início do século XX, não mereceram alguma discussão? Por que é nas crônicas de jornais que vamos encontrar as primeiras críticas e louvações ao esporte no Brasil? É disso que me preocuparei em abordar e tentarei fazer algumas considerações.

A CRÔNICA

Num trabalho anterior (Lucena, 2001), eu falava, em um tópico denominada “Um esporte para a literatura”, sobre os cronistas e as crônicas que tratavam das crescentes práticas desportivas na cidade do Rio de Janeiro e seu reflexo no tratamento dispensado pelos jornais do final do século XIX e início do século XX. Sugeria, na oportunidade, que, pelas crônicas, poderíamos perceber o quanto de força e representação o esporte já angariava na sociedade do Rio de Janeiro de então. Mas por que isso pode ser tão percebido nas crônicas? Por que escritores, como Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto e outros, dedicaram parte de seu tempo a tratar e mostrar a interferência dessa forma de expressão no contexto urbano de cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo?

2. Algumas pesquisas têm se dedicado ao estudo das teses das faculdades de medicina, defendidas ao longo do século XIX. Posso destacar aqui o trabalho de Soares (1994), Ribeiro (2002) e Paiva (2001).

Num outro estudo, com um enfoque bem próximo ao que eu tenho anotado, Melo (1999), tentando compreender a difusão das práticas esportivas no Rio de Janeiro do século XIX e no período de transição para o século XX, vai apelar também às crônicas como uma forma de melhor visualizar o contexto em que estavam “crescendo” as ações nos diferentes esportes. Para Melo, era também importante assumir que a crônica, da forma como ela se constrói entre nós e em especial no Rio de Janeiro, que tem uma forte ligação com esse gênero, torna-se uma fonte relevante que nos permite ter acesso aos pequenos fatos do cotidiano.

Mas poderíamos ainda continuar perguntando: por que na crônica, para tantos e por tanto tempo considerada um gênero menor, é que devemos centrar a atenção? Em meu entendimento, um dos aspectos é justamente este: por ser um “gênero menor”, a crônica se viu ligada às coisas pequenas e permitiu ao cronista voltar-se às questões do dia-a-dia.

Não é à toa que Machado de Assis, totalmente absorvido por esse “jeito de ser”, vai nos dizer, em uma de suas tão irônicas e requintadas crônicas, que o seu olhar de míope (ou de cronista) está voltado para as pequenas coisas que as grandes vistas não percebem. Machado, como João do Rio e Bilac, fez de suas crônicas um diário do tempo que viveu e, muito embora esse gênero literário tenha, com o passar dos dias, perdido um pouco de seu vigor, muitos que vieram depois também buscaram anotar o que há de sensível no cotidiano pela crônica.

Nesse sentido, não podemos deixar de considerar textos de Graciliano Ramos, Lima Barreto, José Lins do Rego, Rubem Braga, Luiz Fernando Veríssimo e outros tantos que fizeram da crônica uma forma de traduzir as grandes e pequenas coisas do mundo.

Assim, a crônica está diretamente ligada ao imediato, ao dia-a-dia, ao efêmero cotidiano que retrata a cidade. Conforme Cândido (apud Moreno, 1997, p. 1293-1294), “[...] humaniza o cotidiano, tira o pensamento da retidão, redimensiona coisas e pessoas. Sobretudo, mostra a grandeza, quem sabe a beleza, dos pequenos acontecimentos”.

Esse redirecionar que vemos expresso aqui é parte de sua relação íntima com o tempo. A própria palavra *crônica* está vinculada ao termo grego *chronos*, que significa tempo. Segundo Crônica (1998, p. 502), significa, entre outras coisas, “narração histórica, feita por ordem cronológica”. Se hoje pode ser vista como um enfoque dos fatos do dia-a-dia, já foi vista, por certo, como um registro do passado. É essa relação com o tempo que muito a caracteriza.

Como já anotei, importa aqui pensar sobre a crônica nos jornais do início do século XX que, tendo superado os espaços de folhetins de jornais do século XIX,

passa a ter uma feição própria e merecer o cuidado dos nossos homens de letras. Tendo como matéria-prima a própria vida, a crônica criava e estabelecia – ou cria e estabelece – um relacionamento pessoal entre o leitor e o cronista. E não era incomum que o leitor escrevesse corrigindo o autor ou se solidarizando com ele por uma opinião ou palpite emitidos em uma de suas crônicas anteriores. Portanto, todos se tomavam atentos e exigentes. Um exemplo, nesse particular, é o caso de Lima Barreto, que não poupava os pares quando o assunto era seus escritos, em especial aqueles que defendiam os esportes, principalmente o futebol. Numa de suas crônicas, não se conformando com a opinião de um escritor-jornalista, assim se manifestou:

Um articulista de "O Jornal", na edição de 31 do mês último, sob a epígrafe acima [Educação Física], faz longas considerações sobre o assunto, avançando afirmações que não devem passar em julgado. Sei bem que uma pessoa importante que se acolhe à sombra de um jornal importante, sem precisão de assinar o nome por baixo daquilo que escreve, não vai dar a mínima atenção ao que escrevo. Mas, para que não fique estabelecido que isso aqui é um país de néscios, animo-me a contestá-lo, apesar de tudo e da pouca valia de meu nome.

Afirma semelhante senhor: "Todos os pedagogistas, higienistas e filósofos que se preocupam com os problemas sociais, proclamam-na (a educação física) como útil e indispensável como o cultivo intelectual". Há nisto uma observação a fazer: se o articulista quer se referir a meninos e rapazes, estou de acordo com a sua generalização; mas se quer falar desses marmenjos que, à falta de outras habilidades superiores para atrair a atenção das damas se põem por aí seminus a dar pontapés numa bola, a esmurrarem-se e a soltar palavões, eu protesto [...] (Barreto, 1961a, p. 111-113)

Sem entrar em consideração acerca das teses criticadas e defendidas, vale apontar aqui dois aspectos que no momento me parecem bastante relevantes. Primeiro, que se trata de um tema bastante peculiar, a educação física, e, por extensão, o esporte. Um tema certamente menor para muitos intelectuais da época e que, por isso mesmo, merece ser aqui observado e mereceu na oportunidade a atenção de nossos cronistas. Não apenas ao esporte, mas também às festas, aos cafés, às brigas entre vizinhos etc. nossos cronistas dedicaram-se, na tentativa de tecer a colcha de retalhos que são as cidades e, em especial, as cidades brasileiras. Um exemplo entre tantos é a crônica "Vida urbana, vista da Rua do Costa", escrita por Coelho Neto, em 1908, em que o autor, baseado na memória, marca a transformação por que passava a cidade de seu tempo e as personagens das ruas que no tempo se perderam. Falava, então, do caixeiro que passava de casa em casa, do guarda urbano, dos capoeiristas que dominavam o lado escuro das ruas etc. Sendo assim, pretendida como um espaço de confidências entre o cronista e o leitor ami-

go (nem sempre!), a crônica se ocupa da aventura do cotidiano e é no espaço da cidade que ganha campo, livre de peias e cabrestos.

O segundo aspecto diz respeito ao mundo que se constrói por meio de um gênero que se afirma na passagem do século XIX para o século XX e, assim, vai ter nos temas transversais um espaço profícuo de identificação com o leitor. Entre esses temas, estava, notadamente, o esporte. Repare, “leitor amigo”, que, na crônica de Lima Barreto, o que ele não deixa escapar é o confronto de opinião com o outro articulista e também o confronto com aqueles que se dedicam a tal prática, no caso, a elite carioca. Percebamos que, ao falar dos marmanjos que “à falta de outras habilidades superiores para atrair a atenção das damas [...]”, o nosso cronista reclama é de nossas elites tão afeitas aos costumes surgidos na Europa e que, portanto, primeiro tomaram contato e se aventuraram nas práticas dos esportes. O fato de se sobressair dando “pontapés numa bola”, para Lima Barreto, em vez de demonstrar algum virtuosismo, denota mesmo são as poucas “qualidades intelectuais” daqueles que se dedicam a tais práticas.

Pois bem, é disso tudo que se ocupa a crônica e o cronista. Do processamento da complexa teia de inter-relações que marca a vida de contatos das cidades. Vida que, certamente, não se constrói apenas por grandes acontecimentos econômicos e políticos, mas que se edifica na soma das coisas miúdas que promovem a interdependência crescente dos indivíduos. Também nesse sentido, do universo jornalístico de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista lingüístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático. Conforme Pereira (1994, p. 27-28), “[...] a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas emprestando às informações jornalísticas outros referentes concebidos na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar a representatividade de seu mundo ao leitor”.

E já que passei a falar sobre alguns pontos que unem a crônica aos esportes, talvez seja o momento de dedicar algumas linhas a mais às crônicas que abriram espaço para o esporte nas primeiras décadas do século XX e se tornaram, assim, o primeiro espaço de debate aberto sobre esse novo costume, esse “estrangeirismo”, que conquistava a gente das cidades.

AS CRÔNICAS SOBRE ESPORTES E O SÉCULO XX

Domingo passado o caminho de São Cristóvão rivalizava com os aristocráticos passeios da Glória, do Botafogo e São Clemente, no luxo e na concorrência, na animação e até na poeira. O Jôquei Clube anunciara a sua primeira corrida e, apesar dos bilhetes amarelos,

dos erros tipográficos e do silêncio dos jornais, a sociedade elegante se esforçou em responder à amabilidade do convite (Alencar apud Bandeira, 1965, p. 209).

Esse trecho da crônica de José de Alencar, publicada ainda em 1854, nos dá algumas pistas para perceber como as crônicas dos jornais desde então passam a destacar as ações nos esportes. Podemos reparar que é a “sociedade elegante” que se volta à prática dessas novas formas de divertimento. No escrito, o autor se esforça ainda em mostrar o desenrolar da ação durante os páreos e o quanto o referido divertimento mexe com a vida da cidade. Por fim, ainda preocupado em popularizar o espetáculo, sugere que “Seria também para desejar que se tratasse de melhorar a quadra (esporte) com inovações necessárias para comodidade dos espectadores; e que se desse alguma atenção à parte cômica do divertimento, instituindo-se corridas de burrinhos e de pequiras” (Alencar apud Bandeira, 1965, p. 210).

José de Alencar parecia já prever o quanto essa prática iria crescer como manifestação de relações interpessoais e quanto os seus pares, atentos ao que ocorreria à sua volta e preocupados em intervir na realidade, poderiam opinar sobre o assunto. Não é à toa que, muitos anos depois, Barreto, espantado com os comentários de um colega de um jornal paulista sobre um jogo de futebol, vai se perguntar: “Diabo! A coisa é assim tão séria? Pois um puro divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor?” (1961b, p. 147). Podemos notar, nessas proposições e inquietações, o quanto o esporte lucrou com a preocupação e a crítica dos nossos cronistas.

Quando Bilac (1904, p. 105) descreve, a seu modo, a *regata do campeonato de remo de 1900*, comparando os remadores aos guerreiros da batalha de Salamina (“Meninos! Foram músculos como esses que ganharam a batalha de Salamina...”) ou quando Ramos ([196-], p. 83) vai, da distante Palmeira dos Índios, gritar que “estrangeirices não entram na terra do espinho”, é ao esporte que estão devotando atenção e, querendo ou não, conferindo-lhe algum prestígio.

Em 1900, ainda é Bilac que, em uma crônica intitulada “Mamas: café – cantante”, tem muito a nos dizer sobre o envolvimento com os esportes e, tendo recordações sobre alguns anos passados, anota:

Era uma coisa assombrosa! Todo o mundo falava a gíria do esporte. Todos os homens usavam na gravata o alfinete clássico da ferradura. As fazendas, em que as senhoras cortavam os seus vestidos, tinham estampagens de chicotes, de loros, de casquetes de jóquei [...].

Depois, veio a mania do jogo de pela. Um frontão em cada bairro. As duas horas da tarde, o povo desertava a Rua do Ouvidor, e ia apinhar-se junto das canchas amplas, em cujo cimento batiam as pelotas leves, e por onde, em saltos felinos, desnudando ao sol os braços peludos, de bíceps inchados, os pelotários iam e vinham, na azáfama da quiniela, surdamente ferindo o solo com os chinelos de trança.

Depois, surgiu o jogo de bola. E a gente ia pasmar diante da larga tábua em declive, por onde, impelidas por marmanjos em camisa de meia, as bolas vinham rolando, no meio de um silêncio comovido, rolando, rolando até que destroçavam o batalhão de marcos de pau [...] (Bilac apud Bandeira, 1965, p. 275-276).

Certamente, uma das grandes contribuições que nossos cronistas pontuaram foi a tentativa de aproximar os escritos dos jornais da realidade dos centros urbanos. Se os jornais, no decorrer do século XX, vão se tornar espaços complexos, ao cronista coube contribuir para a elaboração de uma linguagem do jornalismo e, com isso, apontar caminhos no emaranhado de ilusões e desilusões que os centros urbanos propiciavam. Nesse sentido, Pereira (1994, p. 109) menciona que:

[...] a crônica é quem melhor reflete a transição da imprensa político-literária para o jornal-empresa, principalmente quando se tenta perceber as transformações em níveis de linguagem e a forma como se organizam os espaços destinados a informar o leitor: no jornalismo deste século.

Talvez um exemplo típico desse caminho que a crônica toma esteja nos escritos de João do Rio e de Lima Barreto. Sirvo-me aqui de uma crônica do último chamada "Uma partida de foot-ball", que bem retrata o caráter informativo e de opinião que marca a visão do cronista. Por ser um texto relativamente curto, peço licença ao leitor para reproduzi-lo na íntegra:

Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de foot-ball.

É um espetáculo da maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação.

Num círculo romano, com imperadores, retírios, vestais e outros sacerdotes e sacerdotisas, cousas tão inéditas como nas nossas arenas de jogo do pontapé na bola.

Os gladiadores eram raramente homens de grande beleza física e muito menos intelectual; os nossos jogadores de foot-ball, porém, são excelentes modelos, em que o crânio alongado e ponteagudo dá um remate de beleza aos seus membros inferiores que muito lembram certos ancestrais do homem.

O Senhor Coelho Neto, a quem muito admiro, já fez a apologia desses Apolos, com a força de sua erudição em cousas gregas.

Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapé.

As senhoras que assistem, merecem então todo o nosso respeito.

Elas se entusiasma de tal modo que esquecem todas as conveniências.

São as chamadas "torcedoras" e o que é mais apreciável nelas é o vocabulário.

Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças aos humildes carroceiros dos cais do porto.

Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito.

Em português ou mesmo em latim, eles desafiariam a honestidade: e é, por um, que me abstenho de toda e qualquer citação elucidativa.

O que há, porém, de mais interessante nessas festanças esportivas é o final.

Sendo um divertimento ou passatempo, elas acabam sempre em rolo e barulho.

Por tal preço, não vale a pena a gente divertir-se.

É o que me parece (Barreto, 1961c, p. 183-184).

Repare, “leitor amigo”, que o que está em jogo é toda uma discussão sobre os prós e os contras de uma prática que requeria uma nova forma de comportamento e engajamento. Comportamento que não condizia com o esperado dos rapazes “bem educados” que, pelos esportes, destoavam da postura de seus pais e avós, além disso, outros, que estavam além dos muros dos clubes chiques das elites cariocas e paulistas passaram a adotar as mesmas ações. Condizia menos ainda com a postura das senhoras que assistem, que, de qualquer maneira, marca a presença feminina num espaço marcadamente masculino. Na verdade, o que cronistas como Lima Barreto e João do Rio mais fizeram foi adequar os escritos jornalísticos à realidade de nossas cidades, num combate principalmente ao lirismo exagerado que imperava nas matérias de nossos jornais.

Mas, voltando novamente ao nosso esporte, se havia quem alertasse pelo mau que ele poderia causar, havia quem se inebriasse pelo novo que representava. Ninguém menos que Mário de Andrade, após assistir a um jogo de futebol entre Brasil e Argentina, escreveu em 1939:

Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol! Asiaticamente, cheguei até a desejar que os beija-flores sempre continuassem assim como estavam naquele campo, desorganizados mas brilhantíssimos, para que pudessem eternamente se repetir, pra gôzo dos meus olhos, aqueles bugoanos contraste [...] (Andrade apud Pedrosa, 1967, p. 184).

Não demorou muito para que o esporte ganhasse, dia-a-dia, mais espaço no gosto popular e com isso também mais atenção daqueles que escreviam sobre coisas simples do cotidiano. As crônicas sobre o esporte, e em especial sobre o futebol, passaram a ser crônicas esportivas, num exemplo claro da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica, que vai passo a passo se constituindo num *gênero-síntese* (Ramadan, 1997).

Naquele estilo de crônicas sobre o esporte, bem avançado para o século XX, Rubem Braga nos mostra ainda a vida na cidade pelo prisma da relação entre vizinhos, em crônicas como “As Teixeiras moravam em frente”, “As Teixeiras e o futebol” e “A vingança de uma Teixeira”. As Teixeiras moravam na rua de sua infância e não tinham a menor afeição pelo esporte bretão. Afirmava, na ocasião, nosso

cronista “[...] que as partidas eram emocionantes; até hoje não compreendo como as Teixeira jamais se entusiasmaram pelos nossos prêmios. Isso foi um erro, e na semana que vem eu contarei por quê” (Braga, 1984c, p. 50-51).

Mas, se o cronista contribuiu para a elaboração de uma linguagem própria dos jornais, essa linguagem passa também pela assimilação de um estilo, podemos dizer, “esportivo” no fazer jornalístico. Escritores como José Lins do Rego, por exemplo, perceberam a independência narrativa e o poder de ligação com o leitor que a crônica comportava. *Zelins*, como carinhosamente era chamado por alguns amigos, tornou-se, nas páginas do *Jornal dos Sports*, aonde chegou a escrever 1.571 crônicas sobre o tema, durante cerca de doze anos, um cronista apaixonado e vibrante (Coutinho, 1995). Escreveu muito e, como poucos, soube dar a dimensão, pela crônica, do que representava – ou representa? – a força do esporte entre nós. Afinal, tudo parecia poder se resumir ao par esporte e vida³.

Portanto, quando o esporte ganhou cor e importância na pena dos nossos políticos e educadores, há muito já vinha sendo considerado pelos cronistas que observaram o seu desenrolar na vida das cidades. A crônica, ao que parece, ajudou a construir esse gosto pela nova forma de divertimento. Quando Azevedo (1960) seleciona várias páginas para o esporte no seu magnífico texto “Da educação física”, já muita tinta tinha sido gasta para marcar a presença dessa prática no Brasil. Quando o Governo Vargas constrói toda uma teia legislativa para centralizar o domínio no esporte, é porque a prática já havia conquistado um público muito maior do que os pequenos grupos dos filhos das elites.

CONCLUSÃO

Para concluir, vale salientar mais uma vez que, não se limitando aos preceitos da literatura ou do jornalismo, a crônica permitiu construir, com precisão, um espaço de discussão e difusão de uma “invenção social” com o esporte, que se fez mais brilhante e objeto de devoção com a fala de nossos cronistas. Eles que, em suas diferentes épocas souberam como ninguém tanto e tudo (ou quase) do que as práticas esportivas representavam e ainda representam.

3. Esporte e vida era o nome da coluna que José Lins do Rego manteve no *Jornal dos Sports* durante 12 anos. De 1945 à 1957.

The chronicle as the genre that introduced sports in Brazil

ABSTRACT: This article presents the importance of the chronicle as a genre that was dedicated to narrate the first sporting events in Brazil. First of all, we tried to point out the specific qualities of the chronicle among us, especially in the end of the 19th century and in the early decades of the 20th century. After that, using chronicles written by José de Alencar, Olavo Bilac, Lima Barreto, José Lins do Rego and Rubem Braga, we have tried to show how these texts allow us to see the first concerns with sports in Brazil.

KEY-WORDS: Chronicle; sport; physical education.

La crónica como género que introdujo el deporte en el Brasil

RESUMEN: El texto trata de la importancia de la crónica como género que se dedicó a narrar las primeras acciones deportivas en el Brasil. Inicialmente, procuramos discutir lo que caracterizaba la crónica como género que se preocupó en narrar las cosas simples del cotidiano de nuestras ciudades y, después, a partir de las crónicas de José de Alencar, Olavo Bilac, Lima Barreto, José Lins do Rego y Rubem Braga, intentamos mostrar como esos escritos a nosotros nos permiten ver las primeras preocupaciones con el deporte en el Brasil.

PALABRAS CLAVES: Crónica; deporte; educación física.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. de. *Da educação física*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BANDEIRA, M.; ANDRADE, C. D. de. *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BARRETO, L. Educação física. In: BARRETO, L. *Feiras e mafuás: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a, p. 111-113.

_____. Sobre o foot-ball. In: BARRETO, L. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b, p. 147-150.

_____. Uma partida de football. In: BARRETO, L. *Vida urbana: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c, p. 183-184.

BILAC, O. *Crítica e fantasia*. Lisboa: Livraria Clássica, 1904.

BRAGA, R. A vingança de uma Teixeira. In: BRAGA, R. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória: FCAA/Ufes, 1984a, p. 52-57.

_____. As Teixeiras e o futebol. In: BRAGA, R. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória: FCAA/Ufes, 1984b, p. 53-54.

_____. As Teixeira moravam em frente. In: BRAGA, R. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória: FCAA/Ufes, 1984c, p. 49-51.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Parecer e Projeto n. 224, de 12 de setembro de 1882. *Trata da reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Relator: Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

_____. Decreto-lei n. 1.212, de 17 de abril de 1939. *Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. *Lex – Coletânea de Legislação e Jurisprudência*, São Paulo, ano 3, p. 191-199, 1939.

COELHO NETO, H. M. Vida urbana, vista da Rua do Costa. In: BANDEIRA, M.; ANDRADE, C. D. de. *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

COUTINHO, E. Z. *Flamengo até morrer!* Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

CRÔNICA. In: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LUCENA, R. de F. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARTINS, J. *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.

MELO, V. A. de. *A cidade sportiva: o turfê e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903)*. 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

MORENO, A. Corpo e práticas corporais nas crônicas de Machado de Assis. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, v. 1, p. 1293-1294, 1999.

PAIVA, F. *Pensamento médico e a educação física*. Disponível em: <<http://orbita.starmidia.com/~anpuhes/ensaios2.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2001.

PEDROSA, M. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

PEREIRA, W. *Crônica: a arte do útil ou do fútil?* João Pessoa: Idéia, 1994.

RAMADAN, M. I. B. Crônica de futebol: um subgênero. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-68, 1997.

RAMOS, G. *Linhas tortas*. São Paulo: Livraria Martins, [196-].

RIBEIRO, M. *As teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nos anos 1850*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

Recebido: 26 mar. 2003

Aprovado: 30 abr. 2003

Endereço para correspondência

Rua Dr. Gustavo Pinto, 222

Jardim São Paulo

Recife – PE

CEP 50781-740